



O fim do início da gestão centrada na escola do 1.º ciclo

Com se sabe, está em curso um processo de reestruturação organizacional dos estabelecimentos de educação e ensino. Trata-se, de agrupar à escola básica de 2.º e 3.º ciclos, geograficamente mais próxima, os estabelecimentos de ensino onde é leccionada a educação pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico. De acordo com o jornal Público de 17 de Abril de 2003, baseando-se nas afirmações do Secretário de Estado da Administração Educativa, o objectivo é integrar os mais de 13 mil estabelecimentos existentes em cerca de duas mil unidades de gestão. Segundo este responsável político *é fundamental concentrar as escolas numa unidade de gestão autónoma e responsável, para garantir a sequencialidade das aprendizagens, criar uma dinâmica necessária a que o investimento possa gerar uma maior qualidade e para que possa realizar a aposta num melhor sistema de gestão e informação.*

Tudo isto, independentemente da situação organizacional em que os estabelecimentos se encontram e sem consideração pela(s) autonomia(s) construídas, ou pela aprendizagem e literacia organizacional adquiridas por algumas escolas e agrupamentos.

Os pontos de vista que expresso neste texto não têm por base de sustentação uma avaliação empírica. Até porque ela não existe ... Baseiam-se na reflexão construída por via indutiva e dedutiva, na minha cultura profissional, nas inferências emergentes das conversas abertas com colegas, donde surgem desabafos, dúvidas, cepticismos, convicções ...

A diversidade de situações que contextualizam os estabelecimentos onde é leccionado o 1.º ciclo é enorme. Vai desde a tipologia, estado físico e dimensão até ao regime de gestão. Aparentemente, esta constata-

ção parece ser uma boa justificação para a medida tomada, tal como a aspiração a uma efectiva sequencialidade e articulação entre os ciclos do ensino básico.

Como contra-argumentação contextualizo as minhas considerações (cuja profundidade fica muito aquém do desejável, tendo em conta a economia do texto) nos seguintes aspectos: participação e representatividade, organização pedagógica e lógicas profissionais e definição de campo organizacional.

A verticalidade imposta pode implicar menor representatividade dos professores do 1.º ciclo nos processos de tomada de decisão ao nível dos órgãos de administração e gestão, já que, geralmente, não é directamente proporcional ao número de alunos desse ciclo. Um estudo recente revela que as direcções executivas mostram uma sobre-representação dos ciclos ou níveis de escolaridade mais elevados.

Para além das inúmeras *barreiras de comunicação* que a verticalidade implica, adivinha-se uma tendência cada vez mais acentuada para formas de *não-participação* de *pseudo-participação* ou de outras formas como a participação *apática* ou *resignada* não havendo, assim, condições para a construção de uma verdadeira cultura de participação. Uma das minhas maiores preocupações com a verticalidade prende-se com a ausência de formas de participação dos alunos do 1.º ciclo na vida da organização escolar e nos processos de tomada de decisão.

As especificidades características do 1.º ciclo (sendo as mais marcantes a iniciação sistematizada nas várias literacias, a integração curricular, a monodocência e as idades dos alunos) assinalam uma organização pedagógica e uma lógica de gestão curricular que se articula com uma lógica de cultura profissional que advém dos percursos formativos do professor do 1.º ciclo. Desta forma, julgo que é no confronto

destas lógicas com outras lógicas e culturas que reside uma das principais causas da falta de sequencialidade entre ciclos que, acredito, não será esbatida com a verticalização.

O agrupamento vertical de todas os estabelecimentos de 1.º ciclo, incluindo as escolas de grande dimensão, implica a extinção da ideia de escola primária como unidade de gestão munida de órgãos próprios de decisão de política educativa, ou seja de uma *gestão centrada na escola*. Desde o princípio da sua existência que a escola primária viu, a si, vedada esta possibilidade.

Perante esta morte anunciada de um importantíssimo objecto de estudo adivinha-se uma escassez cada vez maior de estudos organizacionais sobre a escola primária, sobretudo os que se focalizam nos processos e instrumentos de autonomia e de administração e gestão.

Assim, estou convencido de que a organização pedagógica subjacente ao 1.º ciclo poderá influenciar significativamente a organização e administração da escola (tal como já ocorreu em episódios da história do ensino primário em Portugal). Partindo deste pressuposto a essa lógica de acção deverá corresponder um campo organizacional de contornos específicos (embora flexíveis), que permita aquilo que alguns autores designam por *aprendizagem organizacional*.

Parece-me, pois que esta emancipação da *escola primária* deve passar por um processo de criação, manutenção e qualificação de desenho de escolas, preferencialmente, de grande dimensão que consintam a existência de órgãos de gestão próprios. Esta medida pressupõe uma simbiótica articulação curricular e organizacional com a educação pré-escolar e com alargamento do ensino primário para seis anos de escolaridade.

Fica lançada a polémica!

Carlos Pires
Professor do 1.º ciclo



Uma história com proporcionalidade directa

É quinta-feira, estamos a meio da manhã numa turma do sétimo ano bastante interessada e participativa. Os alunos têm dificuldade em trabalhar de forma organizada, todos querem responder ao mesmo tempo, mostrar que sabem e é difícil aguardarem a sua vez para intervir.

Nesse dia logo no início da aula são, por mim, avisados que teremos quatro professores a assistir à aula.

Vários alunos: __ Logo quatro Setora ... ?

Professora: __ Sim, duas das professoras já têm assistido às vossas aulas e as outras duas vêm de novo.

De referir que estes alunos têm um comportamento totalmente diferente quando outros professores assistem às aulas: são uns anjinhos nestes dias ... As duas professoras que assistem habitualmente às aulas são duas estagiárias da Universidade Lusófona e as outras duas são alunas do quarto ano da mesma Faculdade. No ano passado foi, por mim, sugerido que os alunos do quarto ano deviam assistir a aulas dos colegas estagiários e dos professores orientadores para terem alguma noção das dificuldades que terão que enfrentar dentro de alguns meses.

Nesta aula íamos terminar a proporcionalidade directa—fazer uma síntese de tudo o que tinham aprendido. Como fazer com que a aula fosse interessante para todos os assistentes e para os alunos?

Ao meditar sobre o assunto resolvi experimentar o seguinte:

Coloquei no retroprojector um acetato da Porto Editora com o título Proporcionalidade Directa e, em que eram exibidas duas situações, que passo a descrever:

Situação A—uma torneira despeja água num recipiente cilíndrico.

Situação B—Outra torneira igual à primeira despeja água para outro recipiente que tem a forma de um tronco

de cone, mais estreito em baixo que em cima.

Por baixo de cada uma das situações encontram-se as tabelas que relacionam o tempo, em minutos, que a torneira está a deitar água com a altura, em centímetros, que a água atinge ao fim desse tempo e os respectivos gráficos. Os gráficos neste momento ainda estão tapados.

Os alunos olham atentamente para a figura projectada. Proponho então, aos alunos, que inventem uma história que traduza a situação que se encontra no acetato.

Todos os alunos estão em silêncio e olham para o écran.

Um aluno: __ Já sei Setora ... Posso dizer?

A professora: __ Então começa lá.

O mesmo aluno: __ Era uma vez o Sr. João que não tinha água em casa e resolveu ir à fonte encher uma vasilha ...

Outro aluno interrompe: __ Mas são duas vasilhas e duas torneiras ...

Terceiro aluno: __ Não, pode ser só uma torneira e duas pessoas a encher, uma de cada vez, não é Setora?

A Professora: __ E os outros alunos o que é que acham?

Quarto aluno: __ Podem ser as duas coisas, pode ser uma só torneira e duas pessoas enchem duas vasilhas diferentes uma de cada vez ou pode ser uma fonte com duas torneiras e duas pessoas a encher ao mesmo tempo.

A Professora: __ Todos concordam?

Muitos alunos ao mesmo tempo: __ Sim.

A Professora: __ Vamos continuar a história mas antes precisamos de decidir qual das situações vamos considerar. Penso que será preferível considerar que é uma só torneira e duas pessoas a encherem duas vasilhas diferentes.

O primeiro aluno: Posso continuar, Setora?

A Professora: __ Sim, continua.

Outro aluno: __ Setora não é justo, só ele é que fala?

A Professora: __ Calma, todos irão participar na sua vez ...

O primeiro aluno: __ Era uma vez o Sr. João que não tinha água em casa e resolveu ir à fonte encher uma vasilha. Quando lá chegou encontrou o seu amigo Manel e resolveram apostar quem iria encher mais depressa a sua vasilha.

A Professora: __ Muito bem, agora outro aluno continua ...

Oferecem-se muitos voluntários e a professora escolhe uma aluna.

Aluna: __ O Sr Manel diz que a vasilha dele é a que enche mais rapidamente porque é mais estreita em baixo, o Sr. João responde que não e para tirarem as teimas resolvem medir a altura ao fim de cada minuto até aos cinco minutos.

A Professora: Muito bem, vou eu terminar com a seguinte frase: Quem achas que ganhou a aposta?

Um aluno: __ Eu acho que foi o Sr. Manel ...

Outro aluno: __ Não foi nada, foi o Sr. João ...

A Professora: __ Não é só dizer que se acha isto ou aquilo, é preciso defender a sua opinião... Quem acha que foi o Sr. João, levanta o braço. Vários alunos levantam o braço. Quem acha que foi o Sr. Manel, levanta o braço. Vários alunos levantam o braço.

A Professora repara que duas alunas não levantam o braço nem num caso nem no outro e decide que lhes irá pedir a opinião. Começa por solicitar a um dos alunos que achavam que era a vasilha do Sr. Manel que iria encher mais depressa que justificassem a sua opinião.

Um dos alunos: __ A vasilha é mais estreita em baixo logo demora menos a encher.

A Professora: Os outros concordam?

Os alunos do mesmo grupo: __ Sim

Os alunos do outro grupo: __ Não

A Professora: __ Porque é que não concordam?

(Continua na página 12)

Os Educadores de Infância no Encontro

O Grupo de Trabalho do 1º Ciclo da APM alargou esta iniciativa aos Educadores de Infância, desenvolvendo esforços para uma melhor articulação, da aprendizagem da Matemática, entre o Jardim de Infância e o 1º Ciclo, nomeadamente através das sessões práticas *Com os Sentidos na Matemática* dinamizada pelas Educadoras de Infância Helena Sousa e Rosa Horta, da APPC de Faro e *O Preto e o Branco* orientada pela Maria Adília Lino, da EB 2/3 de Estói, Faro.

Da discussão surge a ... reflexão

Os Grupos de Discussão constituíram momentos de reflexão e debate de variados temas relacionados com o ensino e aprendizagem da disciplina. A Cristina Loureiro e o Pedro Almeida discutiram aspectos relacionadas com a Matemática e Cidadania, tendo por

base situações da vida quotidiana dos alunos. A Conceição Patrício, da EB1 nº 3 de Corroios e a Teresinha Nunes, da EB1 nº 3 de Famões, trouxeram para a discussão a forma como os manuais permitem trabalhar alguns conceitos matemáticos, nesta época de Currículo Nacional do Ensino Básico. A Manuela Soares, da EB1 nº 4 da Cova da Piedade, Margarida Porto, da EB1 nº 52 de Lisboa e Manuela Ferreira, da EB1 de Queluz de Baixo procuraram as estratégias mentais que os alunos utilizam na resolução de problemas com a travessia do rio e o sobe e desce do caracol. A Alice Carvalho, da EB1 Orlando Gonçalves da Amadora e a Henriqueta Gonçalves, da EB1 Mina de Água da Amadora abordaram a Construção de Conceitos relacionados com a divisão e números racionais (discussão que se prolongou para além da hora do almoço).

Plenários na ... EB1 de Alto Rodes em Faro

Para além dos plenários na cantina durante a hora do almoço e no bebede de fim de tarde animado pela actuação do grupo musical de Santa Maria, realizou-se um painel, na tarde do primeiro dia, moderado pela Natália Serrazina da EB1 Cabecinha, Benedita e com a participação Fernando Nunes (APM), Paulo Feytor Pinto (APP) e Glória Maria Martins (APEI) para discutir aspectos relacionados com cooperação entre as Associações Profissionais.

Não foi possível vasculhar no baú das recordações de cada uma dos participantes mas fica aqui um possível testemunho de como tudo decorreu ao longo destes dois dias. Uma palavra de apreço para a EB1 de Alto de Rodes, Conselho Executivo, docentes, funcionários e alunos.

António Guerreiro
Luciano Veia

Escola Superior de Educação
Universidade do Algarve



Pontos de vista, reacções e ideias...

(Continuação da página 10)

Os alunos do outro grupo: __ Porque se olharmos para a tabela vemos que ao fim de cinco minutos a vasilha do Sr. João tem já 15 cm de altura de água e a do Sr. Manel só tem 9 cm de altura de água.

A Professora: __ Então se a vasilha é mais estreita em baixo não devia encher mais depressa?

Uma das alunas que não concordou com os colegas: __ Ó Setora posso responder?

A Professora: __ Sim.

A mesma aluna: __ Mas é que o diâmetro das duas vasilhas não é o mesmo, logo a da situação B pode demorar mais a encher. Também não sabemos se a torneira está aberta da mesma maneira ou se duma das vezes correu mais quantidade de água ...

A Professora: __ Boa conjectura. Parabéns. É preciso dar atenção a todos os pormenores. Para podermos avançar teríamos que fazer aquilo que

normalmente os cientistas fazem ou seja definirem muito bem as condições em que se realiza a experiência e tornar o mais possível iguais essas mesmas condições, logo no caso da nossa história para poder haver comparação, a quantidade de água que corria deveria ser a mesma enquanto se enchiam as duas vasilhas. Para terminarmos são capazes de dizer em qual das situações temos uma proporcionalidade directa?

Vários alunos: __ Eu, eu, ...

A Professora: __ Calma, vai dizer um aluno que ainda não tenha respondido.

Esse aluno: __ A primeira situação é e a segunda não porque dividindo a altura pelo tempo dá sempre três na primeira tabela e na segunda situação dividindo não dá constante.

A professora: __ Podíamos ver isso logo no desenho inicial?

O mesmo aluno: __ Sim, Setora, porque como a primeira vasilha tem o mesmo diâmetro em cima e em baixo enche sempre da mesma maneira e a outra não.

A Professora: __ Vamos agora ver os gráficos correspondentes às duas situações.

Um aluno: __ O de proporcionalidade directa é uma recta que passa na origem e o outro está torto.

A professora: __ Não está torto é uma curva.

Neste momento ouve-se a campanha para a saída e alguns alunos exclamam: Já!!!

Foi agradável dar esta aula, os professores assistentes gostaram muito e os alunos também. Comentaram depois que nunca tinham pensado que, explorar desta maneira um acetato vulgar, entusiasmasse tanto os alunos.

Rosário Bento
EB 2,3 Prof. Noronha Geio—Queijas

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar comportável a inclusão das contribuições recebidas no espaço disponível da Revista.